



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA  
FACULDADE DE LETRAS DALCÍDIO JURANDIR

ANTONIO GLEISON XAVIER DE SOUSA

**VARIAÇÃO DIATÓPICA E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA FALA DE  
ACADÊMICOS DO CAMPUS DA UFPA EM ALTAMIRA**

Altamira, PA  
2025

ANTONIO GLEISON XAVIER DE SOUSA

**VARIAÇÃO DIATÓPICA E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA FALA DE  
ACADÊMICOS DO CAMPUS DA UFPA EM ALTAMIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Letras, Campus de Altamira, Universidade Federal do Pará, como requisito único para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa.

**Orientador:** Prof. Adelson Luiz Bayma da Silva

Altamira, PA  
2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

X3v XAVIER DE SOUSA, ANTONIO GLEISON.  
VARIÇÃO DIATÓPICA E O PRECONCEITO  
LINGUÍSTICO NA FALA DE ACADÊMICOS DO CAMPUS DA  
UFPA EM ALTAMIRA / ANTONIO GLEISON XAVIER DE  
SOUSA. — 2025.  
47 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Me. Adelson Luiz Bayma da Silva  
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do  
Pará, Campus Universitário de Altamira, Faculdade de Letras -  
Língua Portuguesa, Altamira, 2025.

1. Sociolinguística. Preconceito linguístico. Língua  
Portuguesa. I. Título.

CDD 417.2

---

ANTONIO GLEISON XAVIER DE SOUSA

**VARIAÇÃO DIATÓPICA E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA FALA DE  
ACADÊMICOS DO CAMPUS DA UFPA EM ALTAMIRA**

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Me. Adelson Luiz Bayma da Silva –  
Orientador

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rafaella Capela Leão  
Examinadora

Prof. Me. Nelivaldo Cardoso Santana  
Examinador

Aprovado em \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/ 2025

Altamira, PA  
2025

## **DEDICATÓRIA**

À minha família. Que sempre esteve ao meu lado dando suporte para realização deste sonho: A graduação!

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me guiado nesta jornada acadêmica. E em nome da Faculdade de Letras UFPA, todos os professores do quadro que nunca mediram esforços de desenvolver a educação, formando grandes profissionais, principalmente meu orientador que me conduziu para a realização deste trabalho.

Dessa forma, quero também agradecer todos da minha família pela confiança e motivação. Aos amigos e colegas de classe, por cada trabalho feito em grupo, e de estender suas mãos nos momentos difíceis.

As pessoas entrevistadas, pela concessão de informações valiosas para a realização deste estudo. Pois juntos trilhamos em mais uma etapa importante de nossas vidas.

A todos que com boa intenção colaboraram para a finalização de meu TCC.

Obrigado.

**“A língua é um fato social e heterogêneo, logo, ela defende as variações linguísticas e não a língua como sendo homogênea e invariável”.**

WILLIAM LABOV

## RESUMO

Este trabalho aborda a sociolinguística diatópica e o preconceito linguístico, com foco na fala de estudantes universitários. O objetivo é refletir sobre o preconceito linguístico no espaço acadêmico da UFPA em Altamira; analisar as causas e informar como os acadêmicos têm lidado com as diferenças linguísticas. A pesquisa fundamenta-se nos estudos teóricos de Saussure (2006), Bagno (2007), Bakhtin (1990), Labov (2008), Tarallo (2005) entre outros. A metodologia utilizada combina pesquisa bibliográfica e coleta de dados em campo, incluindo entrevistas e questionários aplicados a estudantes da Universidade Federal do Pará, campus Altamira com análise quanti-qualitativa que deram suporte para a feitura de um texto explicativo das principais ocorrências. Os resultados mostram que, embora a variação linguística seja um reflexo da diversidade cultural, ela frequentemente é alvo de preconceito, especialmente em contextos educacionais. A amostragem do estudo concluiu que, apesar de a maioria dos estudantes já ter sofrido algum tipo de preconceito linguístico, estes aprenderam a lidar com a situação, portanto entende-se que o papel da universidade através dos estudos em Sociolinguística tem sido necessário pois já se observa um importante avanço quanto à compreensão e valorização da diversidade linguística no sentido de combater o preconceito por meio de práticas pedagógicas inclusivas e reflexivas, contribuindo para uma sociedade mais equitativa e plural.

**Palavras - Chave:** Sociolinguística. Preconceito linguístico. Língua portuguesa.

## ABSTRACT

This paper addresses diatopic sociolinguistics and linguistic prejudice, focusing on the speech of university students. The objective is to reflect on linguistic prejudice in the academic space of UFPA in Altamira; to analyze the causes and to inform how academics have dealt with linguistic differences. The research is based on the theoretical studies of Saussure (2006), Bagno (2007), Bakhtin (1990), Labov (2008), Tarallo (2005) among others. The methodology used combines bibliographic research and field data collection, including interviews and questionnaires applied to students of the Federal University of Pará, Altamira campus, with quantitative and qualitative analysis that supported the writing of an explanatory text of the main occurrences. The results show that, although linguistic variation is a reflection of cultural diversity, it is often the target of prejudice, especially in educational contexts. The study sample concluded that, although most students had already suffered some type of linguistic prejudice, they learned to deal with the situation. Therefore, it is understood that the role of the university through studies in Sociolinguistics has been necessary, as there has already been an important advance in the understanding and appreciation of linguistic diversity in order to combat prejudice through inclusive and reflective pedagogical practices, contributing to a more equitable and plural society.

**Keywords:** Sociolinguistics. Linguistic prejudice. Portuguese language.

## **LISTA DE SIGLAS**

**CRUTACs-** Centros Rurais Universitários de Treinamento e Ação Comunitária

**IES-** Instituição de Ensino Superior

**UFPA-** Universidade Federal do Pará

## **LISTA DE TABELAS**

**Tabela 01.** Expressões idiomáticas

**Tabela 02.** Elementos Vocabulares

## **LISTA DE GRÁFICOS**

**Gráfico 1.** Cidade natal dos informantes

**Gráfico 2.** Cursos informados pelos entrevistados

**Gráfico 3.** Indagação sobre o preconceito linguístico

**Gráfico 4.** Constrangimento sobre o modo da fala

**Gráfico 5.** Análise sobre preconceito linguístico

**Gráfico 6.** Relação com o preconceito linguístico

**Gráfico 7.** Expressão desconhecida

## **ANEXO**

**Anexo 01.** Formulário semiestruturado

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2. VARIAÇÃO DIATÓPICA E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO.</b> .....	12
2.1 Sociolinguística: Breve histórico.....	12
2.2 Variações linguísticas.....	14
2.3 Preconceito Linguístico: o que é e como se dá.....	16
<b>3. ASPECTOS DA FALA PARAENSE: O PORTUGUÊS NA AMAZÔNIA E O CONHECIMENTO SEMÂNTICO</b> .....	19
3.1 As línguas indígenas e o português (arcaico) como elementos diferenciais na fala paraense.....	19
3.2 Elementos de origem indígena na fala paraense.....	20
3.3 Expressões idiomáticas características da fala paraense.....	23
<b>4. CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA:</b> .....	31
4.1 Lócus da Pesquisa.....	31
4.2 Aspectos metodológicos.....	31
4.3 Análise dos dados.....	32
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	42
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	43
<b>ANEXO</b> .....	45

## 1. INTRODUÇÃO

O ensino escolar deve estar aberto as diferentes variações linguísticas. O reconhecimento e avaliação das características de cada aluno é fundamental na condução de uma educação significativa, seja na Educação Básica, seja na universidade, de modo geral. Percebemos que é necessário conhecer as variações existentes no espaço de aprendizagem e, isto pressupõe que o professor não fique preso a uma norma padrão, mesmo que a escola não admita a existência de variações em seu ambiente ou que busque escondê-las. Essa percepção vem ao encontro já teorizado “[...] nossa escola não reconhece a existência de uma multiplicidade de variedades de português e tenta impor a norma padrão sem procurar saber em que medida ela é na prática uma “língua estrangeira” para muitos alunos se não para todos” (Bagno, 2007, p. 29).

A necessidade de aprender a língua padrão não difere da de aprender as variações a ponto que os alunos se sintam prestigiados e nunca inferiores linguisticamente, para Bagno (2007) a diferença ela não pode ser entendida como deficiências nem tão pouco por inferioridade.

O espaço escolar como local socializador, deve sempre buscar valorizar os alunos por sua identidade cultural linguística, não devendo ocorrer repressão por parte da mesma ou do professor julgando que a língua materna do aluno ou a maneira de falar sejam erradas. É necessário um ensino a partir da diversidade, sem subjetividade de uma única língua. A educação tem a missão de formar cidadãos que valoriza e respeita as diferenças.

A aprendizagem só é significativa quando o aluno sente o prazer em aprender, dessa forma as variações fazem parte da sociedade é algo identitário e precisa ser respeitado socialmente e principalmente no ambiente escolar por ser um espaço de formação de conduta e valores que serão disseminados por toda vida. O trabalho fez conhecer a riqueza da diversidade e a língua como instrumento sócio/cultural.

Com base nesses princípios o presente trabalho aborda a sociolinguística diatópica e o preconceito linguístico, analisando como as variações linguísticas regionais e os estigmas sociais associados às diferentes formas de falar impactam a construção das identidades culturais e sociais. A partir de um enfoque da fala de estudantes universitários e suas expressões características, este trabalho propõe uma reflexão sobre a intersecção entre variação linguística e preconceito, destacando como as variações linguísticas regionais influenciam a formação de identidades culturais e sociais, ao mesmo tempo em que refletem no preconceito linguístico.

O objetivo principal é refletir sobre o preconceito linguístico no espaço acadêmico da UFPA, em Altamira a partir da a variação linguística diatópica, analisar as causas e informar como os acadêmicos têm lidado com as diferenças linguísticas. Além disso, o trabalho busca identificar as especificidades da fala dos acadêmicos em sua relação com a língua; apontar quantitativamente as manifestações do preconceito linguístico nas práticas de comunicação entre os acadêmicos.

A escolha deste tema é extremamente relevante, pois a linguagem é mais do que um simples instrumento de comunicação; ela é um reflexo direto da história, da cultura e das interações sociais. Em um país como o Brasil, marcado por sua vasta extensão territorial e rica diversidade cultural, reconhecer e valorizar as diferentes formas de expressão linguística é essencial para promover inclusão social e combater estigmas. A percepção da fala, com sua singularidade influenciada por elementos sociais e regionais oferece uma oportunidade ímpar de compreender como aspectos históricos e culturais moldam a identidade linguística de uma região.

O trabalho está organizado em quatro seções principais. A primeira apresenta uma introdução breve da temática, a segunda os fundamentos teóricos sobre a sociolinguística diatópica e o preconceito linguístico, discutindo suas implicações históricas e sociais. Em seguida, a terceira seção explora os aspectos específicos da fala paraense, destacando a influência indígena e portuguesa e, citação de exemplos marcantes de expressões regionais. A quarta seção se dedica à análise por amostragem do preconceito linguístico no ambiente acadêmico da Universidade Federal do Pará, campus Altamira, enfatizando as dificuldades enfrentadas pelos estudantes em suas interações sociais. Por fim, uma seção em que se descreve sucintamente sobre os resultados obtidos.

Ao combinar teoria e prática, este trabalho pretende contribuir para uma compreensão mais ampla da diversidade linguística brasileira, ressaltando sua riqueza de modo a combater o preconceito linguístico. Além disso, busca fomentar uma educação mais inclusiva e uma sociedade que respeite e valorize a pluralidade de vozes e formas de expressão pelos falantes do português brasileiro.

## 2. VARIAÇÃO DIATÓPICA E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Neste capítulo discute-se os fundamentos teóricos da variação diatópica, o preconceito linguístico e suas implicações históricas e sociais.

### 2.1 Sociolinguística: Breve histórico

O estudo da linguística evoluiu ao longo do tempo, impulsionado por teorias que moldaram a compreensão da natureza da língua. Saussure (2006), propôs uma teoria que delineava uma distinção clara entre língua e fala. Para Saussure, a língua possuía uma estrutura fixa e imutável, sendo o objeto primordial de estudo na linguística, conforme destacado em sua afirmação de que "a Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma" (Saussure, 2006, p. 271).

Contrariando essa perspectiva, Bakhtin (1990) propôs uma visão mais social da linguagem, o mesmo argumentou que a língua se manifesta através de atos enunciativos em contextos específicos de interação verbal, atribuindo um caráter social à linguagem. Essa abordagem desafia a visão de Saussure, ampliando a compreensão da linguagem para além de sua estrutura estática.

Jakobson (1973), também divergiu das ideias de Saussure ao criticar a homogeneidade da língua, destacando a diversidade de situações e comunidades linguísticas, argumentando que os sujeitos interagem de maneiras distintas. De acordo com Jakobson, a escolha do código linguístico é influenciada pela função e pelos objetivos de uma situação de interação comunicacional.

No mesmo contexto, Noam Chomsky (1997), introduziu a ideia do "falante ideal", concebendo assim um falante inserido em uma comunidade linguisticamente homogênea, cuja competência linguística - a capacidade de compreender e delimitar as regras combinatórias e articulatórias da língua - seria o verdadeiro objeto de estudo do linguista. Chomsky contrasta a abordagem de Saussure, desconsiderando a heterogeneidade da língua.

O linguista Benveniste (1989) propôs a intrigante ideia de que a sociedade poderia ser estudada, descrita e compreendida por meio da língua, concebendo-a como um instrumento analítico do meio social. O autor sugere que a língua não é apenas um sistema isolado, mas um reflexo dinâmico da realidade social. Seu enfoque não se limita à análise linguística pura, mas estende-se à capacidade da língua de capturar nuances sociais, fornecendo, assim, uma ferramenta valiosa para decifrar os padrões e estruturas da sociedade em que é empregada.

De acordo com Paulston e Tucker (2003), a partir da década de 1960, a Sociolinguística consolidou-se como uma abordagem multidisciplinar, desdobrando-se em duas vertentes distintas. A primeira, denominada sociolinguística, concentra-se na descrição e análise da língua em sua relação direta com fatores sociais. Linguistas e antropólogos unem esforços para compreender como elementos socioculturais influenciam o fenômeno linguístico, revelando a linguagem como um espelho sensível da dinâmica social.

Por outro lado, surge a "sociologia da linguagem", com o objetivo de estudar e compreender a influência da linguagem no comportamento de uma sociedade. Cientistas sociais, aliados a alguns linguistas, buscam interpretar o efeito da língua na formação e transformação dos padrões comportamentais de uma comunidade.

As contribuições de Paulston e Tucker (2003) evidenciam essa dualidade na Sociolinguística. A abordagem propriamente dita destaca-se pela análise profunda da relação intrínseca entre língua e sociedade, enquanto a sociologia da linguagem explora a linguagem como agente de mudança social, destacando sua influência no comportamento coletivo.

A Sociolinguística, como disciplina acadêmica, teve sua gênese em Los Angeles, onde linguistas visionários, liderados por William Bright, lançaram as bases teóricas dessa nova área de estudos. Juntos, definiram a diversidade linguística como o objeto central de investigação sociolinguística, marcando um ponto de inflexão na compreensão da interação entre linguagem e sociedade.

De acordo com Monteiro (2000), Bright (1974), ao delinear os fatores condicionantes da diversidade linguística, identificou elementos ligados ao falante, ao destinatário, às identidades sociais envolvidas e ao contexto comunicativo. Essa abordagem reconheceu a complexidade do fenômeno linguístico, destacando as múltiplas influências que moldam a forma como as pessoas se comunicam em diferentes contextos sociais.

Entretanto, mesmo ao atribuir à Sociolinguística um papel central na análise da diversidade linguística, Bright (1974) manteve uma perspectiva complementar e subordinada às três disciplinas que a originaram: Linguística, Sociologia e Antropologia. Essa relação simbiótica permitiu uma abordagem holística, incorporando aspectos linguísticos, sociais e antropológicos na compreensão da diversidade linguística.

No contexto desse movimento intelectual, William Labov, participante ativo nos encontros liderados por Bright (1974), apresentou uma perspectiva distinta. Labov (2008) propôs a ideia de que deveria haver uma única forma de linguística: a linguística social. Ainda para Labov (2008) não havia justificativa para separar o caráter social da língua na

nomenclatura dessa nova área de estudos, enfatizando a intrínseca interligação entre linguagem e sociedade.

## 2.2 Variações Linguísticas

A língua não é estática, mas um fenômeno dinâmico que se adapta de acordo com o contexto social, histórico e cultural em que é usada. Essa diversidade se manifesta nas variações linguísticas, que podem ser classificadas em diferentes tipos:

**Variação diacrônica:** Refere-se às mudanças que a língua sofre ao longo do tempo. O português falado atualmente, por exemplo, é diferente do português do século XVI.

**Variação diatópica** (ou geográfica): Está relacionada às diferenças regionais no uso da língua. O modo de falar pode variar entre estados, cidades ou até bairros, resultando em sotaques e vocabulários distintos.

**Variação diastrática** (ou social): Diz respeito às diferenças linguísticas que ocorrem em função de fatores sociais, como classe econômica, grau de escolaridade, faixa etária ou grupo cultural.

**Variação diafásica** (ou situacional): Ocorre de acordo com o contexto de comunicação. O falante adapta sua linguagem à situação, utilizando, por exemplo, uma forma mais formal em entrevistas de emprego e mais descontraída em conversas informais.

**Variação diamesia** (ou de meio) Relaciona-se ao canal de comunicação utilizado. A forma escrita, geralmente mais estruturada, difere da forma oral, que tende a ser mais espontânea.

No que tange a variação diatópica Tarallo (2005) a define como “[...] diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”. O Autor refere-se à existência de variantes linguísticas, que são formas diferentes de expressar a mesma ideia sem alterar o seu significado ou contexto. Isso significa que, em uma determinada língua, é possível encontrar várias maneiras de formular uma frase ou transmitir uma mensagem, todas elas corretas e adequadas ao contexto, mantendo o mesmo sentido e valor semântico. No entanto, de acordo com Saussure (2002, p.132):

[...] é importante lembrar que nem tudo na língua é variável. Assim como os falantes de uma língua compartilham variantes, também compartilham regras categóricas, as quais se definem como regras obrigatórias, fixas, que, se transgredidas, tornam as sentenças agramaticais. Em português, não se diz, por exemplo, menino o, uma vez que o sistema só aceita o determinante em posição anterior ao núcleo do sintagma nominal (o menino).

A transgressão dessas regras categóricas pode levar a mal-entendidos ou à completa incompreensão da mensagem. Portanto, enquanto a língua permite certa flexibilidade e variação nas formas de expressão, existe um núcleo de regras gramaticais que deve ser respeitado para que a comunicação seja clara e eficiente.

Entretanto, vamos nos atentar a definição do que seria a variação linguística e mais especificamente do que é a variação diatópica. Para Saussure (2002) A variação diatópica refere-se às diferenças linguísticas que ocorrem em função da região geográfica onde os falantes vivem. Em outras palavras, é a variação da língua que se manifesta em diferentes áreas geográficas. Essas variações podem ocorrer em vários aspectos da língua, incluindo pronúncia, vocabulário, gramática e entonação. Além disso, Leite (2009, p. 261) também define esse tipo de variação como:

A variação diatópica (do grego *topos* = lugar), também reconhecida como variação geolinguística ou variação dialetal, é o tipo de processo relacionado a fatores geográficos, como o uso de pronúncia diferente em diferentes regiões, diferentes palavras para designar os mesmos conceitos, acepções diferentes de um termo de região para região, expressões ou construções frásticas próprias de uma região, etc.

Isto é, a variação diatópica, também conhecida como variação geolinguística ou variação dialetal, refere-se às diferenças linguísticas que surgem em função das características geográficas das regiões onde os falantes vivem. Esse tipo de variação pode se manifestar de várias maneiras, incluindo a pronúncia, o vocabulário, os significados dos termos e as construções frásticas específicas de uma região.

No estado do Pará, podemos observar várias dessas variações diatópicas, especialmente na capital Belém, é comum a pronúncia do "r" como um som gutural, semelhante ao "r" francês. Por exemplo, a palavra "porta" pode ser pronunciada como */pohta/*. Além disso, No Pará, uma expressão comum é "égua!", usada para expressar surpresa, espanto ou admiração. Essa expressão é típica da região e não é amplamente usada com o mesmo sentido em outras partes do Brasil.

De acordo com Saussure (2002) é essencial observar que cada unidade sintópica, isto é, o dialeto de uma determinada região, pode conter variações diastráticas, que se referem às diferenças socioculturais, bem como variações diafásicas, relacionadas ao estilo de fala. De modo semelhante, cada unidade diastrática pode apresentar tantas variações diatópicas, que dizem respeito às diferenças geográficas, quanto variações diafásicas. Além disso, cada

unidade sinstrática, associada à linguagem familiar ou coloquial, demonstrará variações tanto diatópicas quanto diastráticas.

Contudo, é fundamental ressaltar que a variação linguística não implica, necessariamente, em mudança linguística. A variação linguística refere-se às diversas formas de uso da língua que coexistem em determinado período, sem que isso resulte em alteração na estrutura da língua em si. Por outro lado, a mudança linguística requer, inevitavelmente, um processo de variação prévio. Isso significa que as transformações na língua emergem da sua heterogeneidade, ou seja, da presença de múltiplas formas de uso e variações linguísticas.

Portanto, ainda de acordo com Saussure (2002) embora a mudança linguística surja da variação existente dentro da língua, é importante destacar que nem toda variação heterogênea culminará em uma mudança efetiva. A heterogeneidade da língua fornece o terreno fértil para a emergência de mudanças, mas a transformação só se concretiza quando certas condições são satisfeitas. Em resumo, a complexidade da variação linguística é um fenômeno intrínseco à dinâmica das línguas, e a mudança linguística é um subproduto possível, mas não garantido, dessa diversidade.

### **2.3 Preconceito Linguístico: o que é e como se dá**

O preconceito linguístico, conforme abordado por Saussure (2002), é um fenômeno complexo enraizado em concepções sociais e culturais que frequentemente se sobrepõem às noções científicas da Linguística moderna. Enquanto o discurso científico explora a variação linguística como um fenômeno natural e dinâmico, o senso comum muitas vezes o interpreta através de concepções ultrapassadas e preconceitos sociais, baseados na ideia de "erro" linguístico.

A ideia de "erro" na linguagem, segundo Saussure, tem suas raízes nas primeiras normatizações da língua grega durante o período do helenismo, aproximadamente no século III a.C., com o surgimento da Gramática Tradicional. Esta abordagem, não científica, combinava intuições filosóficas com preconceitos sociais, estabelecendo um modelo idealizado da linguagem que excluía os usos linguísticos que divergissem desse padrão normativo. Assim, qualquer forma de fala ou escrita que não correspondesse aos padrões da linguagem literária consagrada passava a ser vista como um erro, especialmente se revelasse a origem social menos prestigiada do falante.

No contexto educacional, Saussure (2002) diz que a Gramática Tradicional muitas vezes é ensinada de maneira acrítica, como mera repetição de regras, sem considerar a

diversidade linguística presente na sociedade. Em contrapartida, “a Linguística moderna demonstra que todas as formas de expressão verbal possuem uma organização gramatical válida” (Saussure 2002, p. 127), seguindo regras e lógicas linguísticas que são demonstráveis. A variação linguística, longe de ser exclusiva de falantes não escolarizados, também ocorre entre falantes escolarizados e na modalidade escrita em diferentes estilos monitorados.

Portanto, o preconceito linguístico não se trata de uma avaliação puramente linguística, mas sim de uma avaliação social, onde as formas linguísticas são atribuídas a diferentes graus de estigma ou prestígio. Essas avaliações refletem não a qualidade intrínseca da língua, mas sim a percepção social sobre os falantes e suas origens sociais. Nesse sentido, Bagno (2008, p.98):

[...] a escola tem tomado como padrão para o ensino de Língua Portuguesa a gramática normativa, que no século passado se deslusitanizou, mas que está longe de refletir o padrão nacional falado e mantém divergências em relação ao uso brasileiro escrito, de que são exemplos clássicos a colocação pronominal e a regência verbal.

A ideia apresentada por Bagno (2008) relaciona-se diretamente com o conceito de preconceito linguístico ao discutir como a gramática normativa, utilizada predominantemente nas escolas brasileiras, não reflete a diversidade linguística presente na sociedade. Bagno argumenta que essa gramática normativa, apesar de deslusitanizada, continua a divergir significativamente do padrão nacional falado e mesmo do uso escrito brasileiro. Esse descompasso entre a norma escolar e as práticas linguísticas reais contribui para a perpetuação do preconceito linguístico de várias formas.

De acordo com o autor, a gramática normativa ensina uma versão idealizada da língua que corresponde ao dialeto da classe dominante, ignorando as variações linguísticas presentes entre diferentes grupos sociais. Esse fenômeno é uma forma clara de preconceito linguístico, pois valoriza uma forma de falar em detrimento de outras, desvalorizando e estigmatizando as variedades linguísticas de grupos sociais menos favorecidos.

Além disso, Bagno também fala sobre a insistência na norma padrão que leva à marginalização de dialetos populares e regionais, o que reforça o preconceito linguístico. Alunos que falam essas variedades são frequentemente rotulados como "errados" ou "incultos", internalizando uma percepção negativa de sua própria fala.

Nesse sentido, Bagno critica a falta de integração das descobertas sociolinguísticas no ensino de língua portuguesa, destacando que a escola não possui um manual atualizado que

reflita as avaliações linguísticas da sociedade. Isso implica que práticas linguísticas que são aceitas e usadas pela comunidade continuam a ser repudiadas e desvalorizadas na escola.

De forma a corroborar com o pensamento de Bagno, Saussure (2002) aborda a necessidade de uma mudança de postura, especialmente por parte dos professores, em relação à norma e ao preconceito linguístico. De acordo com o linguista, é fundamental considerar o entorno da situação de fala. Mesmo que falemos a mesma língua, é necessário reconhecer as particularidades de cada lugar e de cada grupo social, que se manifestam através dos seus dialetos.

Ao considerar a língua como um sistema articulado que comunica ideias e pensamentos, Saussure (2002) destaca que ela serve a uma comunidade composta por indivíduos diferentes. Isso implica que cada indivíduo imprime características particulares à língua, resultantes de seu desenvolvimento histórico, cultural e de sua configuração social. Em outras palavras, cada língua é única e essa diversidade é encontrada também dentro de cada uma delas.

Portanto, a perspectiva de Saussure (2002) sugere que os professores devam adotar uma postura que valorize e respeite essa diversidade linguística, reconhecendo que as variações linguísticas são reflexos naturais das diferentes histórias, culturas e configurações sociais dos falantes. Essa abordagem pode contribuir para combater o preconceito linguístico e promover uma educação mais inclusiva e equitativa.

### 3. ASPECTOS DA FALA PARAENSE: O PORTUGUÊS NA AMAZÔNIA

Nesta seção explora-se os aspectos específicos da fala paraense, destacando a influência indígena e portuguesa e, citações de exemplos marcantes de expressões regionais.

#### 3.1 As línguas indígenas e o português (arcaico) como elementos diferenciais na fala paraense

Altenhofen (2014) afirma que a língua portuguesa se sobrepôs a territorialidade das línguas indígenas como processo de colonização e seu processo de territorialização horizontal oferece uma perspectiva fundamental para entender a interação do português arcaico com as línguas indígenas, resultando na fala paraense. A sobreposição voraz do português às territorialidades indígenas, conforme descrito pelo autor, teve impactos significativos na cultura e na língua das comunidades indígenas na região paraense.

Ainda de acordo com o autor, o processo de colonização, marcado pela imposição do português, levou à destituição e remoção das territorialidades indígenas. Esse choque cultural e linguístico resultou em um fenômeno complexo: a assimilação de elementos do português arcaico pelas línguas indígenas locais. Como resultado, a fala paraense tornou-se uma síntese única dessas influências, onde o português arcaico se fundiu com as estruturas linguísticas indígenas. Nesse sentido, Freire (2003) destaca sobre a influência dos Europeus:

A interação entre europeus e índios, através de inúmeras formações e processos para disciplinar a força de trabalho indígena através da catequese só podiam viabilizar-se, se fosse superada a enorme diversidade linguística, com o desenvolvimento de uma língua de contato e a criação de uma nova comunidade de fala (Freire, 2003, p. 46).

A entrada do português nas comunidades indígenas na região paraense é um fenômeno inegável e complexo que ainda ocorre, conforme observado por Leite e Franchetto (2006) ao discutirem o caso dos *Tapirapé*, um grupo Tupi-guarani. Diversos fatores contribuíram para essa integração linguística, revelando nuances interessantes sobre a relação entre o português e as línguas indígenas no contexto do falar paraense.

No contexto de exploração da região Freire (2003) destaca a utilização da língua portuguesa como um fator de denominação na região:

[...] tem-se conhecimento de que foi declarada como língua oficial das missões da Amazônia e, em tanto que tal, passou a ser usada com certa sistematização pelos índios de diferentes famílias linguísticas (Freire, 2003, p. 53).

A imposição do português foi facilitada pela luta dos povos indígenas pela reconquista de suas terras que os levaram a frequentar constantemente outros centros urbanos e com isso acabaram recebendo forte influência da língua portuguesa.

Outro fator importante é a exposição dos indígenas aos centros urbanos, onde a presença do português é predominante. A interação cotidiana com falantes nativos do português nessas áreas urbanas resultou em um processo de aprendizagem informal, levando à incorporação gradual de termos, estruturas e entonações do português nas línguas indígenas e que influenciaram, devido a aproximação geográfica, no falar paraense. Esse fenômeno, por sua vez, enriqueceu o léxico e a gramática do falar paraense, criando uma síntese linguística que reflete a diversidade cultural da região.

Nesse sentido, conforme Aikhenvald (2002) salienta, em situações de línguas em contato, os falantes de uma língua têm algum conhecimento da outra língua. Isso permite a troca de traços linguísticos, incluindo hábitos de pronúncia, fonemas, categorias gramaticais, itens vocabulares e formas gramaticais.

Essa interação resulta em uma influência mútua entre o português e as línguas indígenas. Os falantes indígenas incorporam elementos do português em seu discurso, como a pronúncia, o léxico e até mesmo a estrutura gramatical, ao mesmo tempo em que influenciam o português com traços de suas línguas nativas. Além disso, essa interação linguística reflete a capacidade de adaptação das línguas indígenas, que se mostram flexíveis ao absorver elementos do português, enquanto mantêm sua identidade e riqueza cultural. Esse fenômeno ilustra a dinâmica linguística em constante evolução na região paraense e a complexa teia de influências que moldam o modo de falar característico da região.

### **3.2 Elementos de origem indígena na fala paraense**

De acordo com Dias & Dias (2007), uma característica notável da fala paraense é o uso extensivo de palavras de origem Tupí. Estima-se que os paraenses utilizem cerca de 7.200 palavras com raízes Tupí, entre as quais citam-se para denominar a flora, a fauna, hidrografia entre outros. Exemplo: açaí, juçara, arara, capivara, jararaca, jiboia, pirarucu, aipim, bacaba, bacuri, cajá, cipó, caboclo, maniçoba, Xingu, ambé, Moji, Araci, Jurema, etc.

Esta riqueza linguística confere ao paraense uma identidade linguística única, influenciada pela rica herança cultural indígena da região, diferenciando-se assim do português brasileiro falado em outras regiões.

A fala paraense, rica em nuances culturais, oferece uma visão profunda das origens e identidade do povo da região. No contexto cultural, destaca-se a presença marcante de termos de origem indígena, que servem como espelho refletindo a vida desse povo. Como observado por Lobo (1999), o léxico, como componente fundamental do sistema linguístico, representa a face mais nítida da dinâmica cultural. Dessa forma, a língua paraense não apenas comunica palavras; ela é um testemunho vivo das transformações históricas e sociais que moldaram a sociedade ao longo do tempo.

Sobre o tema, Lobo (1999) destaca a presença dos termos de origem indígena na fala paraense não é apenas uma questão linguística, mas também uma janela para a compreensão das raízes profundas dessa cultura. Essas palavras, que ecoam tradições antigas, refletem não apenas o passado, mas também a resiliência do povo indígena ao longo das mudanças estruturais e do tempo. Cada termo é uma cápsula do conhecimento ancestral, transmitido de geração em geração, mostrando a vitalidade e a riqueza da herança cultural da região

Além disso, essa interseção linguística revela a profunda conexão entre a língua e a identidade cultural. Os termos de origem indígena não são apenas palavras; são portadores de significados profundos, encapsulando mitos, tradições e modos de vida únicos para o povo paraense. Eles não apenas descrevem objetos ou ações, mas também carregam consigo a essência do modo de vida, os rituais, as crenças e a sabedoria transmitida através das eras.

A pesquisadora Oliveira (2008), ressalta a profunda importância da língua na constituição cultural do homem, um fenômeno especialmente marcante na rica tapeçaria linguística da fala paraense. Nesse contexto, a terminologia indígena emerge como uma marca cultural e identificadora poderosa, não apenas para os povos indígenas, mas para toda a população que habita essa região.

A presença marcante da terminologia indígena na fala paraense atua como um elo vital entre o passado e o presente. Cada palavra indígena incorporada ao léxico local não é apenas um termo; é um pedaço da história viva do povo paraense.

Para Oliveira (2008) essas palavras não apenas descrevem objetos ou conceitos, mas carregam consigo a carga emocional e cultural das comunidades indígenas que há séculos moldam essa região. Cada vez que esses termos são utilizados, uma ponte é estabelecida entre a contemporaneidade e as tradições, permitindo que a cultura indígena continue permeando a sociedade paraense.

Além disso, a terminologia indígena na fala paraense se torna um distintivo cultural, uma marca identificadora de pertencimento. Quando alguém usa esses termos, não está apenas comunicando uma ideia; está afirmando sua ligação com as raízes profundas da região

e sua herança compartilhada com os povos indígenas. Essas palavras agem como símbolos de orgulho cultural, conectando as pessoas não apenas umas com as outras, mas também com a terra que habitam.

Oliveira (2008) desenvolveu uma pesquisa acerca de terminologias indígenas presentes na fala paraense por meio da análise de 89 narrativas orais presentes nas regiões de Altamira e Cametá e foram identificados 82 termos de origem indígena.

Dentre esses 82 termos, destacam-se 7: primeiramente, ao examinar palavras como "*Cuíra*" e "*Mutuca*", originárias do Tupí, percebemos a sensibilidade dos povos indígenas ao descrever estados de inquietação e desconfiança. Essas palavras não são apenas descritivas; são reflexos de emoções humanas complexas, proporcionando insights valiosos sobre a psicologia e a mentalidade dos falantes. Em um contexto mais amplo, essas palavras revelam não apenas o significado literal, mas também a riqueza cultural da região, onde a linguagem é usada não apenas para comunicação, mas também como uma expressão artística e emocional.

Termos como "*Quiririm*" onde introduz a ideia de calma e sutileza ao descrever o movimento lento e "*Tuíra*" que se destaca a tonalidade cinza do açaí, essas palavras encapsulam a relação íntima entre a natureza e a linguagem. Elas ilustram como os habitantes da região não apenas observam seu ambiente, mas também o internalizam em seu discurso diário, criando uma interconexão entre a linguagem e o mundo natural que os rodeia.

- a) "*Tipitingas*", uma palavra que descreve águas barrentas mais esbranquiçadas, oferece uma visão da percepção ambiental. Ela destaca a habilidade dos povos indígenas em categorizar e descrever nuances sutis da natureza, uma habilidade que não apenas enriquece sua língua, mas também aprofunda sua compreensão do ambiente ao seu redor.
- b) "*Axi*", uma interjeição que expressa desdém e espanto, revela a complexidade das interações sociais. Essa palavra não é apenas uma forma de comunicação; é uma expressão cultural enraizada em atitudes e emoções específicas. Ao analisar termos como esse, podemos desvendar os matizes da sociedade paraense, explorando não apenas o que é dito, mas também como é sentido e recebido pelos ouvintes.
- c) "*Sapecar*", uma palavra que significa jogar, destaca a importância das ações na cultura local.

Essa palavra não apenas descreve uma atividade física, mas também implica uma intenção por trás do ato. Ela reflete a natureza dinâmica da cultura amazônica, onde as ações

cotidianas são imbuídas de significados mais profundos, conectando o indivíduo com sua comunidade e tradições.

A pesquisa de Oliveira (2008) lança luz sobre a persistência e a riqueza da herança linguística indígena na fala paraense, conforme evidenciado nas narrativas coletadas em Altamira e Cametá. O estudo destaca que, mesmo após séculos de colonização e mudanças demográficas, muitas palavras de origem tupi continuam a ser proferidas pelos amazônidas na região. Essa observação ressoa com a história do Brasil no período de seu descobrimento, quando diversas tribos indígenas com línguas distintas povoavam o território.

A preservação destas palavras Tupí na fala paraense atesta não apenas a diversidade linguística do Brasil antes da colonização, mas também a resiliência da cultura indígena. Apesar das tragédias demográficas que as comunidades indígenas enfrentaram, suas línguas e, por conseguinte, suas formas de pensar, ver o mundo e interagir com ele, persistem na região Amazônica.

A conexão entre a pesquisa de Oliveira (2008) e os aspectos indígenas na fala paraense é clara: ao analisar as narrativas de Altamira e Cametá, Oliveira destaca a continuidade dessas palavras indígenas na comunicação cotidiana. Esse fenômeno não apenas representa a sobrevivência linguística, mas também serve como uma poderosa afirmação da identidade cultural. Cada palavra Tupí pronunciada é um testemunho da resistência indígena, um lembrete das tradições que persistem apesar dos desafios históricos.

### **3.3 Características diatópicas do falar paraense: expressões idiomáticas**

A Dialectologia, ramo dedicado ao estudo das variações linguísticas, desempenha um papel crucial na compreensão da diversidade de dialetos e suas nuances. Segundo Cristianini (2006), é à Dialectologia que cabe a tarefa específica de investigar essas variações, e um dos métodos fundamentais empregados é a Geolingüística.

A Geolingüística, método mencionado por Cristianini (2006), é uma abordagem que se destaca no estudo dialetal. Sua essência reside na análise geográfica das variações linguísticas, explorando como essas mudanças ocorrem e se manifestam em diferentes localidades. Ao adotar uma perspectiva geolingüística, os linguistas podem mapear e compreender a distribuição espacial dos dialetos, identificando padrões e correlações que contribuem para uma visão abrangente da diversidade linguística.

O autor ressalta a importância de direcionar a atenção para a dialetologia ao utilizar a geolingüística como método. Este enfoque não apenas amplia o escopo de estudo, mas também reconhece a influência do ambiente geográfico na formação e evolução dos dialetos. A relação intrínseca entre língua e lugar é explorada de maneira mais aprofundada, revelando como fatores geográficos podem moldar as características linguísticas de uma região.

Ao adotar a Geolingüística, os linguistas não apenas identificam variações linguísticas, mas também conseguem relacionar essas variações a aspectos geográficos específicos. Isso inclui a análise de fatores como isolamento geográfico, migração populacional e interações linguísticas entre diferentes comunidades. Dessa forma, a geolingüística emerge como uma ferramenta valiosa para evidenciar os padrões de variação dialetal.

Segundo Dubois (1978), o estudo das variações na utilização da língua é uma abordagem que visa compreender as nuances linguísticas entre indivíduos ou grupos sociais originários de diferentes contextos geográficos. Essa abordagem revela-se essencial para a sociolingüística, um campo de estudo que busca desvendar as complexidades das interações linguísticas no tecido social.

O âmbito proposto por Dubois (1978) destaca a diversidade intrínseca à linguagem, que vai além de suas estruturas formais. Ao se debruçar sobre as variações linguísticas, o pesquisador não apenas examina as diferenças na pronúncia, vocabulário ou gramática, mas também investiga como essas variações são influenciadas pelas origens geográficas dos falantes e por influências resultantes de contatos culturais. Nesse contexto:

Em algum momento na história, as línguas oficializadas atualmente foram dialetos de outras línguas até adquirirem a própria autonomia linguística em um espaço territorial. Um exemplo hipotético seria o contato entre as línguas indígenas da região Amazônica com o português europeu para a formação de vários dialetos com traços linguísticos comuns, que convergiriam em novas modalidades linguísticas. No entanto, o que temos como resultado do contato linguístico entre o português europeu e as línguas nativas no Brasil, é a existência de muitas línguas indígenas autônomas (substratos da língua portuguesa) e a morte de várias delas por falta de falantes (AZEVEDO, 2013, p.59).

A citação destaca um fenômeno linguístico relacionado ao contato entre diferentes línguas e ao surgimento de novas modalidades linguísticas. O exemplo apresentado, que envolve o contato entre as línguas indígenas da região Amazônica e o português europeu, oferece uma visão sobre as características diatópicas do falar paraense.

Inicialmente, é relevante considerar que as línguas, em algum ponto de sua história, muitas vezes começam como dialetos de outras línguas, até adquirirem autonomia linguística em um espaço territorial específico. Esse processo é comumente influenciado por fatores históricos, sociais e culturais, moldando a identidade linguística de uma comunidade.

No contexto paraense, o contato linguístico entre as línguas indígenas amazônicas e o português europeu sugere a possibilidade de formação de dialetos com traços linguísticos comuns. No entanto, o desfecho desse contato, conforme apontado por Azevedo (2013), difere das expectativas. Ao invés da convergência em novas modalidades linguísticas, o resultado é a coexistência de muitas línguas indígenas autônomas, consideradas substratos da língua portuguesa.

Portanto, ao discutirmos sobre influências sofridas na forma de falar, em especial, na fala paraense, é importante trazer alguns exemplos expostos no site do Dicionário Popular que apresenta algumas expressões idiomáticas típicas do Pará.

As expressões idiomáticas apresentadas refletem não apenas a diversidade linguística, mas também aspectos socioculturais e a dinâmica das interações linguísticas:

**Tabela 01. Expressões idiomáticas**

<p><b>Pão careca:</b> A expressão "pão careca" destaca-se por sua conotação regional. No contexto linguístico paraense, ela refere-se ao pãozinho de água e sal, conhecido como "pão francês" em outras regiões. Essa variação lexical demonstra as características diatópicas do falar paraense, evidenciando a influência do ambiente geográfico na designação de elementos cotidianos.</p>
<p><b>Tédoidé:</b> A expressão "tédoidé" ilustra a criatividade linguística ao amalgamar a frase "Tu é doido, é?". Essa expressão é um exemplo da dinâmica sociolinguística, onde a língua é constantemente moldada e adaptada pelo uso em interações sociais, criando neologismos que refletem a identidade linguística local.</p>
<p><b>Mas credo:</b> "Mas credo" é uma expressão de espanto, indicando surpresa negativa. Essa interjeição é uma manifestação do uso pragmático da linguagem, refletindo a emoção do falante diante de uma situação inesperada. Ela demonstra como as expressões idiomáticas são utilizadas para comunicar não apenas significados, mas também atitudes e emoções.</p>
<p><b>De rocha:</b> ao falar isso, você confirma que o que disse é realmente verdade, que se trata de algo sério. Ex.: Vou parar de beber, de rocha.</p>
<p><b>Mas quando:</b> A expressão "Mas quando" exemplifica o uso linguístico para duvidar ou desdenhar do que alguém está dizendo. Esse tipo de resposta é uma forma de expressar ceticismo e revela a dimensão pragmática das interações linguísticas, onde as palavras são moldadas não apenas pelo significado, mas pelo contexto e intenção comunicativa.</p>
<p><b>Só o creme mano!"</b>Só o creme mano!" destaca-se como uma expressão coloquial para elogiar algo excepcional. Essa expressão ressalta a subjetividade e a variação linguística, pois a compreensão do significado depende da familiaridade com o contexto cultural e do entendimento do uso específico da expressão na região paraense.</p>
<p><b>Gala seca:</b>"Gala seca" é um termo local para chamar alguém de boba, desligada ou desatenta. Essa expressão exemplifica o uso de termos regionais que podem não ter correspondência direta em outras variedades linguísticas, reforçando a diversidade diatópica do falar paraense.</p>

**Fonte:**Dicionário paraense Papa Xibé, 2013.

O estado do Pará, situado na região Norte do Brasil, destaca-se como o segundo maior estado do país em termos de área, abrangendo uma extensão territorial de 1247,6 mil km<sup>2</sup>. Além disso, é o mais populoso da região norte, contando com uma população de 8.602.865 habitantes. A composição do Pará é caracterizada por cidades que abraçam diversas formações culturais. Devido a essas distintas influências culturais, as cidades paraenses apresentam variações nos seus sotaques e expressões linguísticas, não apenas em relação a outras regiões do Brasil, mas também quando comparadas entre si no âmbito estadual.

Embora, por razões didáticas, se faça referência à "linguagem paraense" para descrever a maneira de falar dos habitantes do estado, é crucial salientar que não podemos afirmar a existência de uma única variação paraense. Em vez disso, observamos diferentes "falares paraenses". Essa consciência da existência de variedades paraenses, e não de uma única variedade, é uma estratégia para desmitificar a visão comum de que há uma única língua predominante na cultura linguística amazônica brasileira. Essa abordagem mais plural reconhece a diversidade linguística presente na região, desconstruindo a ideia de uma homogeneidade linguística que muitas vezes é erroneamente atribuída ao Pará.

Santos (2017) destaca a influência marcante da colonização portuguesa no padrão linguístico da população da Região Norte, em especial no que se refere à pronúncia característica. A herança fonética inclui o som chiado do "s," que se assemelha a um "x," notável em palavras como "mesmo" e ao final de sílabas, como em "folhas." Esse fenômeno linguístico revela uma conexão direta com a tradição linguística portuguesa, enraizando-se na história colonial da região.

Outro ponto ressaltado é a preservação do uso do pronome pessoal "tu" na segunda pessoa, em contraste com algumas outras regiões brasileiras, que tendem a conjugar o "tu" na terceira pessoa. Essa distinção gramatical reflete a manutenção de aspectos linguísticos específicos, demonstrando a forte influência da colonização na estrutura gramatical e lexical do falar paraense.

Além da herança portuguesa, Santos (2017) destaca a contribuição linguística dos povos indígenas na formação do falar paraense. Expressões oriundas da língua Tupi, como "carapanã" e "igarapé," permanecem presentes na fala cotidiana paraense até os dias atuais. Esse aspecto ressalta a importância da diversidade cultural na região e a integração de termos indígenas no léxico local, evidenciando a riqueza e a resiliência da pluralidade linguística na Região Norte. Essa análise linguística, apresentada pelo autor, contribui para uma

compreensão mais profunda das raízes históricas e culturais que moldaram o modo de falar característico dessa parte do Brasil.

**Tabela 02. Elementos Vocabulares**

<b>Pitiú:</b> um cheiro ruim ou forte, pode ser de algo podre, ou cheiro de peixe.
<b>Baldear:</b> o mesmo que vomitar.
<b>Rasga:</b> o mesmo que, sai fora! Vá embora!
<b>Mofino:</b> significa triste, abatido, chateado ou até mesmo adoentado. Essa gíria se pronuncia “mufino”.
<b>Pavulagem:</b> sinônimo para metido, presunçoso, convencido.
<b>Curuba:</b> usado como sinônimo de sarna. Pode ainda significar qualquer ferida ou machucado.
<b>Tuíra:</b> quando a pele fica com aspecto opaco, e acinzentado, por estar coberta de pó branco ou ressecada.
<b>Esbandalhar:</b> é o mesmo que quebrar, despedaçar, destruir algo.
<b>Visagem:</b> é o mesmo que assombração, fantasma, alma penada.
<b>maluvido:</b> adjetivo para descrever um menino “danado”, desobediente.

**Fonte:**Dicionário paraense Papa Xibé, 2013.

As expressões da fala paraense, como "égua", "paid'égua", "disque", "mas quando", entre outras, são reflexo da riqueza linguística do Brasil. Segundo Dias e Reis (2018), o país é marcado por uma vasta extensão territorial, diversidade cultural e étnica, o que contribui para a grande heterogeneidade linguística presente no português falado no território brasileiro. Essa diversidade é particularmente evidente na região amazônica, onde surgem expressões únicas e características que são praticamente irreconhecíveis em outras partes do Brasil.

De acordo com as autoras, o termo "égua", por exemplo, é uma expressão típica do linguajar paraense, usada de diversas formas. Pode ser uma exclamação de surpresa ou incredulidade, como em "Nossa, égua!", ou até mesmo um elogio, como em "Essa comida está uma égua!" Esta expressão, carregada de significados regionais, é parte integrante da identidade linguística paraense.

Outra expressão interessante, de acordo com as autoras, é "paid'égua", que é uma variação da expressão "pé de égua", usada para descrever algo ou alguém de qualidade excepcional. É uma forma de elogio que denota admiração ou surpresa positiva diante de algo

impressionante. Essa expressão colorida e peculiar é um exemplo da criatividade linguística encontrada na fala paraense.

Além disso, a presença de palavras como "disque" e construções linguísticas como "mas quando" revelam variações gramaticais específicas da região amazônica. O uso dessas expressões é uma característica marcante do português falado no Pará e em outras partes da Amazônia, contribuindo para a diversidade linguística do Brasil.

Outro fator é a peculiaridade do "s" chiado na fala paraense que pode ser analisada sob uma perspectiva histórica, que remonta aos primórdios da colonização do Brasil. De acordo com Fioravanti (2015), com a colonização do Brasil no século XV a partir da chegada de Pedro Álvares Cabral, a língua portuguesa foi trazida para estas terras acompanhando não apenas desbravadores e missionários, mas também elementos fundamentais da cultura portuguesa.

Essa influência linguística sofreu modificações ao longo dos séculos e, no século XIX, durante a chegada da Corte portuguesa ao Brasil, o "s" chiado ganhou destaque. Esse som peculiar era considerado um símbolo de prestígio linguístico, uma característica de um falar refinado e rebuscado.

Ao relacionar essa história com o dialeto paraense, podemos entender que o "s" chiado presente na fala paraense é uma herança histórica desse período. Ele não apenas reflete a influência da Corte portuguesa e sua busca por um falar prestigioso, mas também a capacidade do português brasileiro de absorver e adaptar elementos linguísticos ao contexto local.

Nesse contexto, a afirmação de Tarallo (1990) sobre as variações linguísticas, como "as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade", e sobre o dialeto ser "o conjunto de variantes que se encontram em duelo de contemporização", é especialmente relevante ao considerar as formas paraenses de falar.

No contexto paraense, observamos uma riqueza de expressões, palavras e pronúncias que são únicas para a região. Essas variações linguísticas não apenas coexistem, mas também se entrelaçam, formando um tecido linguístico complexo e dinâmico. Por exemplo, o uso do "s" chiado na fala paraense é apenas uma das muitas variações presentes nesse dialeto particular.

Ao aplicarmos a ideia de Tarallo (1990) à fala paraense, podemos perceber que as formas paraenses de falar algo são resultado dessas diversas maneiras de expressar as mesmas ideias, mas de maneiras diferentes. Cada expressão, cada palavra pronunciada de uma maneira específica, contribui para a riqueza e a profundidade do dialeto paraense. Essas variações não

são apenas variações superficiais; elas carregam consigo nuances culturais, históricas e sociais que enriquecem a comunicação na região.

Além disso, a noção de "duelo de contemporização" mencionada por Tarallo (1990) ressalta que essas variantes linguísticas estão em constante interação. Elas não estão em isolamento, mas estão em um processo dinâmico de adaptação e evolução. No dialeto paraense, podemos observar esse duelo de contemporização, onde as formas tradicionais de falar coexistem com as influências modernas, resultando em uma linguagem viva e em constante transformação.

## 4. CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Nesta seção aborda-se, em nível de análise quanti-qualitativa, a amostragem do preconceito linguístico no ambiente acadêmico da Universidade Federal do Pará, campus Altamira, enfatizando as dificuldades enfrentadas pelos estudantes em suas interações sociais.

### 4.1 Lócus da Pesquisa

Em relação ao *lócus* da pesquisa levou-se em consideração o campus da Universidade Federal do Pará, tendo sua fundação em julho de 1957, a instituição foi pioneira no ensino superior na região Norte, o Campus Universitário de Altamira é fruto de ações articuladas ao projeto de interiorização da UFPA, o qual foi implementada em várias fases, tendo como modelo os Centros Rurais Universitários de Treinamento e Ação Comunitária (CRUTACs).

O campus é referência na cidade de Altamira, localizada no Oeste do estado do Pará, fundada em 06 de novembro de 1911, Altamira é um dos cento e quarenta e quatro municípios do estado do Pará, no Norte do Brasil. Tem uma área de 159.533,73 quilômetros quadrados ou 61.596,32 milhas quadradas, tornando-se o maior município por área tanto no estado do Pará quanto no Brasil, e até 2009 era a maior subdivisão municipal do mundo, De acordo com o Censo Nacional Brasileiro de 2010 o município tinha 99.075 habitantes, que cresceu para 115.969 no Censo de 2020, perfazendo uma densidade de apenas 0,73 habitantes por quilômetro quadrado no mesmo ano. É o lar de centenas de comunidades indígenas e áreas de proteção ambiental.

### 4.2 Aspectos metodológicos

A metodologia empregada neste estudo combina abordagens qualitativas e quantitativas para uma análise abrangente do objeto de pesquisa. Foi realizado um levantamento bibliográfico em obras clássicas e contemporâneas da sociolinguística, com o objetivo de fundamentar teoricamente o estudo. Além disso, conduziu-se uma pesquisa de campo na Universidade Federal do Pará, campus Altamira, onde foram observados e analisados os discursos orais e escritos de acadêmicos, com foco nas manifestações de preconceito linguístico e suas implicações. Para tanto, utilizou-se como instrumento um questionário semiestruturado, aplicado a estudantes de diferentes cursos, permitindo a coleta de dados qualitativos sobre suas percepções e experiências, bem como dados quantitativos

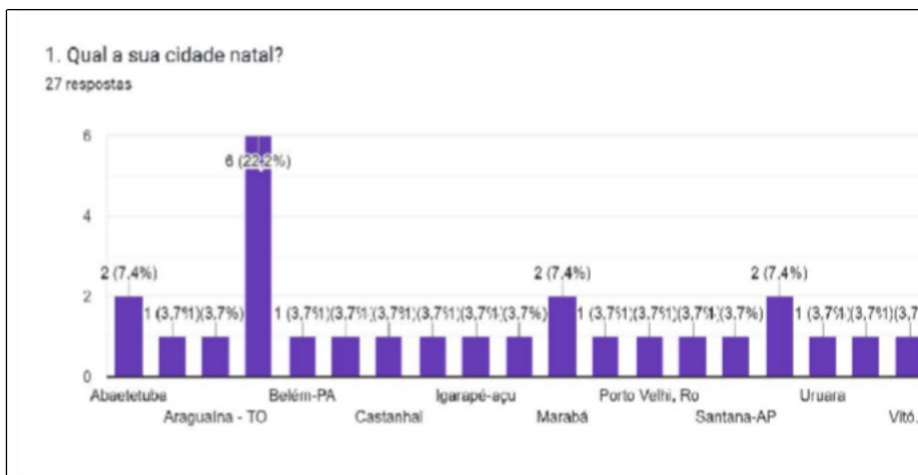
que contribuiriam para a identificação de padrões recorrentes. A análise dos dados foi realizada à luz da teoria sociolinguística, buscando relacionar os resultados às discussões sobre variação diatópica e preconceito linguístico apresentadas no referencial teórico.

Apesquisa de campo apresentada construiu-se através de formulário desenvolvido para coleta de dados com formulário de perguntas e respostas cuja aplicação foi feita a vinte e sete (27) informantes acadêmicos da UFPA, campus Altamira; com utilização da ferramenta Google Form. A pesquisa objetivou tratar e investigar o “falar” cotidiano de estudantes de diversas regiões que compõe o quadro acadêmico da Universidade Federal do Pará, provocando um diálogo no que tange as diferentes variações linguísticas presentes no Campus. O formulário foi enviado aos estudantes, via plataforma WhatsApp. Os informantes compõem os cursos: Medicina, Pedagogia, Letras-Língua Portuguesa, Agronomia, Ciências Biológicas e Engenharia Florestal. A pesquisa foi aplicada no período do dia 13 ao dia 20 de março de 2025.

O embasamento teórico do trabalho inclui as contribuições de quatro autores centrais. Saussure (2006) fornece as bases estruturais para compreender a relação entre língua e fala, enquanto Bakhtin (1990) amplia essa visão ao introduzir uma perspectiva social da linguagem, destacando seu caráter interativo e enunciativo. Labov (2008) contribui com uma abordagem sociolinguística ao discutir como a variação linguística reflete a dinâmica social. Por fim, Tarallo (2005) aborda a variação e a mudança linguística, fornecendo subsídios para a análise do preconceito linguístico e de sua relação com a heterogeneidade da língua.

### 4.3 Análise dos dados

**Gráfico 1- Cidade natal dos informantes:**



Fonte: próprio autor, 2025

Com base nas informações coletadas dos participantes da pesquisa, observou-se que grande parte do público ouvido são de cidades que compõe o estado do Pará, conforme Gráfico 1.

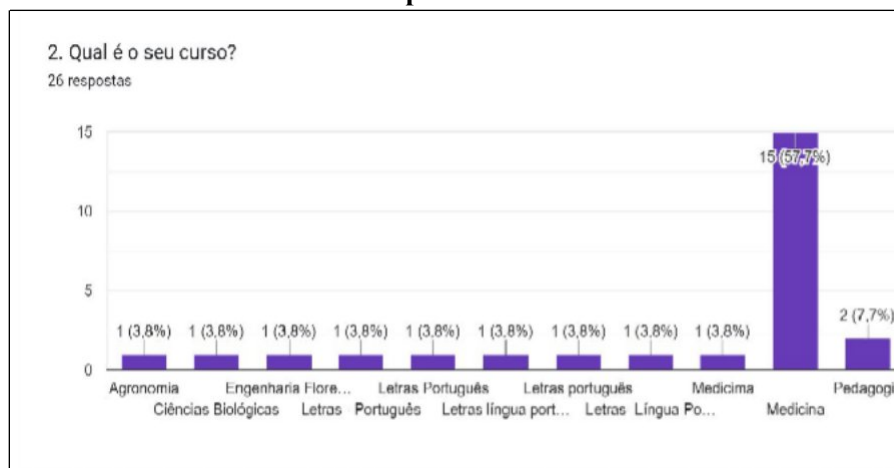
Observa-se que por se tratar de informantes da região Norte é plausível que a fala reflita a cultura linguística desta região cujo falar reúne diversas influências de vocabulário específicos baseados nas expressões regionais.

Participaram do questionário informantes com faixa etária de 18 a 35 anos das seguintes cidades: Abaetetuba-PA, Araguaína-TO, Belém-PA, Castanhal-PA, Igarapé-açu-PA, Marabá-PA, Porto Velho-RO, Santana-AP, Uruará-PA, entre outros.

A maioria dos informantes ouvidos são oriundos da cidade de Belém capital do estado do Pará, onde o modo de falar é bem característico, palavras são mais puxadas para o som da letra “s” e a letra “x”, o “chiado” muito ouvido no cotidiano dos moradores da região faz com que os informantes ouvidos na pesquisa sejam alvos de preconceito linguístico.

O modo de falar em uso na cidade de Altamira é plural e esse belenense ouvido na pesquisa ao chegar neste território é quase impossível não perceber as diferentes variações no seu modo de falar. Essas variações geram tal preconceito, que inúmeras vezes geram desconforto neste público.

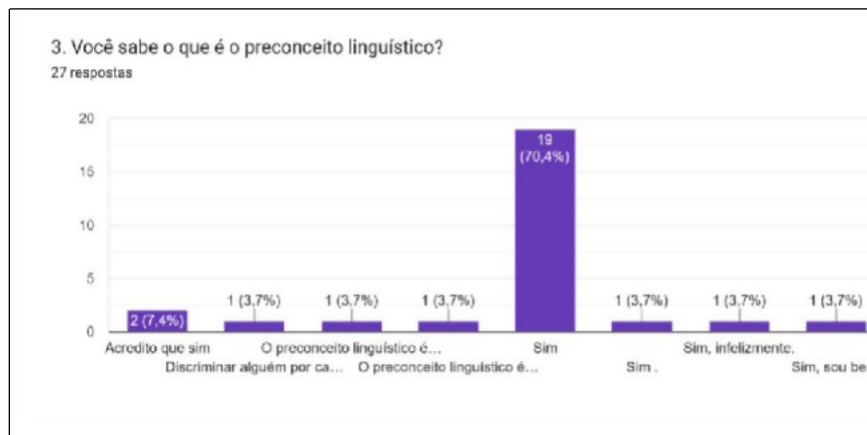
**Gráfico 2 – Cursos informados pelos entrevistados:**



Fonte: próprio autor, 2025

Dentre os participantes da pesquisa estão estudantes dos seguintes cursos: Agronomia, Ciências biológicas, Engenharia Florestal, Letras-língua portuguesa, Medicina e Pedagogia, compondo diversos períodos de cursos ofertados pela universidade Federal do Pará. A maioria dos acadêmicos ouvidos na pesquisa, cursam medicina.

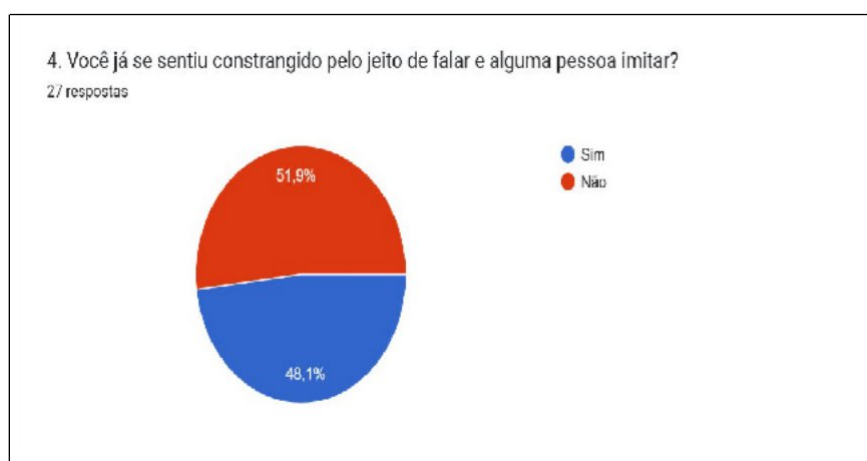
**Gráfico 3- Indagação sobre o preconceito linguístico**



Fonte: próprio autor, 2025

É importante também salientar que 100% dos participantes mostraram conhecimento sobre o assunto abordado na pesquisa, também taxaram o assunto como de grande relevância para a sociedade, apoiando um debate, expondo sugestões para a forma com o que o tema é tratado e visto pela comunidade estudantil.

**Gráfico 4-Constrangimento sobre o modo da fala**



Fonte: próprio autor, 2025

De acordo com a pesquisa realizada com os acadêmicos dos diversos cursos dosCampus da Universidade Federal do Pará, os estudantes foram perguntados “se já se sentiram constrangidos pelo seu jeito de falar. Dos informantes ouvidos 51,9% respondeu não

ter sido constrangido pela maneira de falar. Outros, em quantitativo de 48,1% afirmou ficar constrangido por seu jeito de falar ser imitado por outras pessoas.

De fato, os acadêmicos de outras regiões ao chegarem na cidade de localização do curso, por serem advindos de cidades maiores, têm o hábito de questionar as falas dos outros estudantes de lugares menores, titulando tais dialetos como erros gramaticais evidenciando o preconceito linguístico dentro de espaços que, em tese, se deveria trabalhar a pluralidade da língua reforçando a linha de pensamento explanada por Saussure (2002), em que afirma “opreconceito linguístico é um fenômeno complexo enraizado em concepções sociais e culturais que frequentemente se sobrepõem às noções científicas da Linguística moderna”.

Enquanto o discurso científico explora a variação linguística como um fenômeno natural e dinâmico, o senso comum muitas vezes o interpreta através de concepções ultrapassadas e preconceitos sociais, baseados na ideia de "erro" linguístico, a fala relatada pelo autor justifica os dados da pesquisa onde os informantes relatam o conceito ultrapassado relacionadas aos preconceitos sociais enraizados em relação a fala, onde o falar é titulado como status social.

**Informante 21:**

“Quando voltei para o Pará, após morar vários anos no Sudeste, a peculiaridades da minha fala era um motivo de zombaria por partes dos meus colegas paraenses”.

A resposta do informante 01 é um exemplo de preconceito linguístico que ainda é frequente na sociedade. Ao viajar para outro estado o informante acabou absorvendo expressões locais, interferindo no modo de fala anterior o que causou estranheza nas pessoas da antiga região que residia.

**Informante 20:**

“Tenho expressões como /olha já! / e/égua! /; além do sotaque e as pessoas imitam como forma de me constranger”.

Neste caso o informante tem convicção de que o preconceito está, não só no modo de falar, mas também no fato de o sujeito ser natural de um espaço geográfico considerado afastado da área urbana.

Assim, pode-se perceber que, nem sempre o sujeito falante reage com constrangimento, porém percebe que, por vezes, o interlocutor tem outra visão sobre a fala do outro em relação à Sociolinguística.

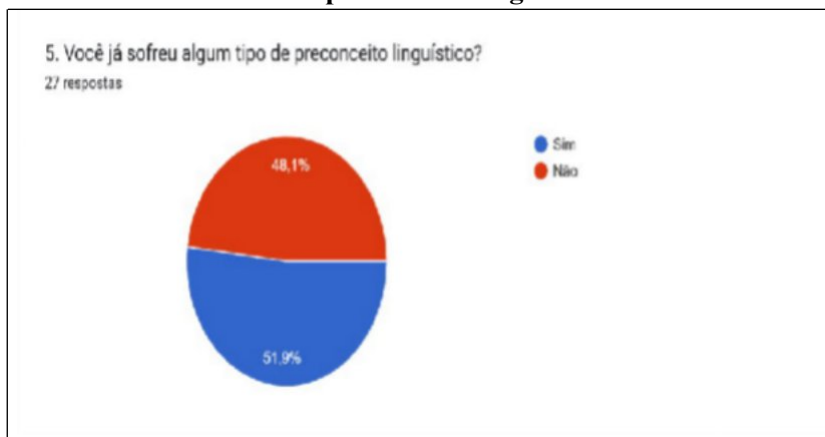
**Informante 04:**

“Meu "S" é extremamente puxado para o /essssss/ e meu "R" também para o /orrrrrr/, sempre imitam, sempre”.

A resposta do informante 03, demonstra o desconforto vivido por ele pelo simples fato do uso da letra “s” e da letra “R” em seu modo de falar, uma característica forte do dialeto belenense cotidiano da capital do estado do Pará.

Do mesmo modo, é perceptível que a língua, ou o modo do falar paraense tenha sua peculiaridade, bem como outras falas de outros estados ou regiões. Estas peculiaridades são inerentes ao espaço social e s inter-relações dos sujeitos no meio onde convive. Assim, é possível inferir que o trabalho de compreensão Sociolinguística é necessário para que a fala de quaisquer brasileiros não sejam motivos de preconceitos entre os próprios brasileiros.

**Gráfico 5– Análise sobre preconceito linguístico:**



**Fonte:** próprio autor, 2025

Diante da pesquisa em questão, 48,1% dos informantes responderam que não sofreram preconceito linguístico, entretanto a maior parte dos ouvidos na pesquisa responderam que já sofreram preconceito linguístico totalizando 51,9%, onde relataram que um dos principais preconceitos linguísticos está relacionado ao “modo de falar” haja em vista que este trabalho foi realizado dentro da universidade onde o público alvo foram os acadêmicos, tendo em vista que a maioria desse quantitativo são pessoas pertencentes a cidade Belém-PA.

A probabilidade dessas pessoas sofrerem algum preconceito linguístico é alta já que ao chegarem na cidade de Altamira se deparam a um espaço de muitas pluralidades, esses acadêmicos ao chegarem já percebe seu modo de fala, tornando-se alvos dessa espécie de preconceito, um dos participantes relatou a seguinte fala:

**Informante 21.**

“Hoje como adulto, lido bem. Quando criança, no entanto, ainda não possuía bagagem emocional para lidar com o assunto”.

**Informante 20.**

“Eu tento ignorar, mas me sinto incomodada no fundo”.

**Informante 19.**

“Depois de alguns anos, acabei perdendo meu sotaque e muitas expressões na fala, me adaptei aos demais, encontrando uma forma de não ser mais alvo do preconceito linguístico vivido diariamente dentre os estudantes”.

Percebe-se nestas falas que os informantes, por questões de desconhecimento, não perceberam a presença de certo preconceito; seja no contexto da infância ou mesmo da vida adulta. Esta realidade era uma situação muito presente até pouco tempo no Brasil. Apesar dos avanços no sentido de se expurgar o preconceito linguístico, ainda é possível se perceber em diferentes partes do país.

Esse possível preconceito é reflexo de uma sociedade historicamente dividida em função de posicionamento escravocrata e elitista em que prevalece a lei do “letrado” e ou a cultura do urbano em detrimento da fala rural, tomada como “fala caipira”.

**Informante 04:**

“Passei minha infância no interior da cidade de Anajás no Marajó, lá tínhamos uma linguagem bastante diferente, usávamos expressões do tio, " tora" quando queríamos que alguém cortasse algo, ou "Te acoca" quando era pra pessoa se abaixar... Eu vim pra Altamira com 12 anos e não sabia o que eu passaria na sala de aula por não falar do mesmo modo dos demais ... Falava muito xiado, e as vezes usava expressões que os meus colegas não entendiam, e alguns zoavam ...até falavam pra eu repetir palavra como "dois", "Arroz", só pra tirar sarro... Enfim...já experimentei na pele o preconceito linguístico.”

**Informante 05:**

“Por vim de um município do interior do estado, onde se tem na linguagem influência nordestina, já fui vítima de preconceito. Principalmente, por conhece frutas e objeto por um nome, por fala algumas palavras erradas, por não conseguir pronunciar com facilidade algumas palavras.

**Informante 06:**

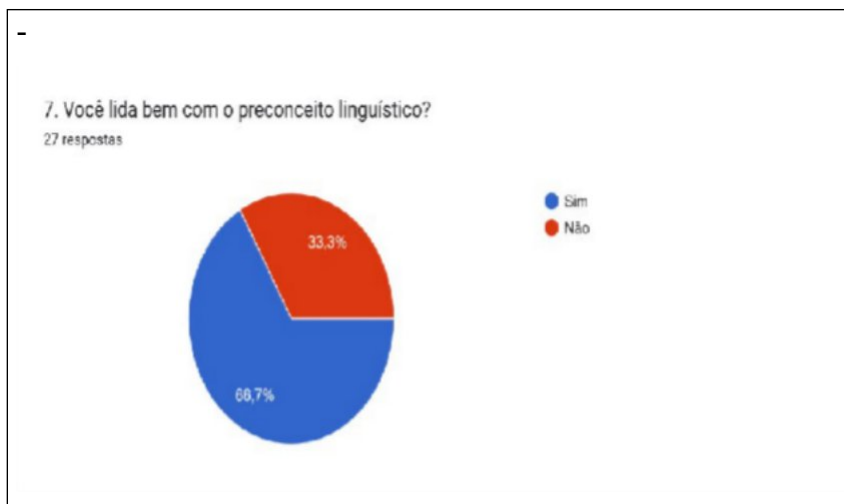
“As pessoas costumam implicar com o “S” puxado de Belém, onde morei a maior parte da vida, ainda que Castanhal seja minha cidade natal”

Diante dos diversos exemplos citados pelos informantes é perceptível que nos dias atuais, ainda é alto e enraizado o preconceito linguístico na sociedade. A pesquisa demonstra que o modo de falar das pessoas ainda influencia na formação da identidade cultural de um povo. Já que quando se percebe o preconceito, duas hipóteses são possíveis de se observar: ou o sujeito se adapta ao novo modo de fala onde se encontra, aceitando o constrangimento pela necessidade da convivência social ou isso tudo reforça o peso da cultura que carrega e tal fala imprime característica da naturalidade linguística, reforçando a identidade cultural.

Cada fala tem seu valor já que traz consigo uma marca social dificilmente esquecida por vontade própria. Essa diferença deveriam ser o elo entre os falantes, já que a grandeza e a mistura de muitas línguas, fazem do Brasil, um país rico culturalmente. Entendemos que não são regras e taxando o falar e as expressões utilizadas pelas pessoas, titulando-as de ter “fala feia” ou “fala errada” ou ainda “fala caipira” são marcas de um passado de pobreza popular e resquício de uma Brasil rural, pouco desenvolvido.

No mundo atual, infelizmente, ainda se convive com certos preconceitos quando alguém, de modo inconveniente, debocha ou reprime os “erros gramaticais ou de pronúncia”, segregando diversas regiões do país, o que compromete a pluralidade da nossa língua, dividindo e causando desconforto no simples fato de comunicação na sociedade

**Gráfico 6—Relação com o preconceito linguístico**



Fonte: próprio autor, 2025

Em relação à pesquisa cerca de 66,7% dos entrevistados responderam que lidam bem com preconceito linguístico, enquanto 33,3% responderam não se sentirem confortáveis com o tema abordado na pesquisa.

**Informante 10:**

“Acho que lido bem pelo fato de que nunca sofri”.

**Informante 01:**

“Ao adentrar na faculdade de letras e estudar sobre a linguística e entender que não existe uma fala correta, mais sim cada indivíduo tem seu jeito próprio de se comunicar, passei a não ligar mais! ”

**Informante 26:**

“O preconceito é um ato que prejudica o bem social e individual, que marginaliza e inferioriza a vítima e, por isso, não há como lidar bem, mas sim repudiar todo e qualquer ato”.

**Informante 04:**

“Nunca me senti incomodada. ”

**Informante 05:**

“Acho que é algo normal no início, as pessoas não estão acostumadas com o diferente e costumam fazer "brincadeiras", com o tempo vão sumindo.”

O gráfico 6 da pesquisa realizada demonstra uma boa relação da maioria dos entrevistados com o preconceito linguístico vivido diariamente pelos estudantes do Campus da Universidade Federal do Pará, as diferentes respostas informadas pelos entrevistados normalizam o preconceito linguístico como os simples fato de corrigir a fala do outro ou até uma brincadeira na qual acabam se costumando com o tempo conforme informado por um dos informantes na pesquisa.

Dessa forma podemos constatar que mesmo o preconceito ainda existindo, as pessoas buscam naturalizar o assunto, a fim de se adequar as normas de uma sociedade que titula o modo de fala das pessoas, encaixando-as em perfis sociais conforme sua forma de comunicar-se.

**Gráfico 7- Expressão desconhecida**

Fonte: próprio autor, 2025

A cidade em destaque onde se localiza a universidade Federal do Pará, batizada de Altamira, recebe pessoas de diversas regiões do país, o município é fruto de uma miscigenação, onde diversas falas e expressões podem ser observadas no cotidiano, é comum pessoas recém-chegadas no município se depararem com palavras muitas vezes desconhecidas em seu vocabulário, a pesquisa revelou que 59,3% dos informantes já esbarraram com alguma expressão que não conheciam no dialeto local, e cerca de 40,7% dos participantes questionado sobre o assunto responderam não ter se deparado com alguma expressão desconhecida no cotidiano altamirense.

Na pesquisa também se indagou se os entrevistados já se depararam com alguma expressão que não conhecia. Sobre a questão responderam que sim, citando algumas expressões não conhecidas e até expressando surpresa ao saberem seus significados.

**Informante 21:**

“oxe!”

**Informante 20:**

“*Num tem?*” foi a melhor pra mim. Adorei a forma como é construída, é uma sensação interessante de pertença.”

A pesquisa foi realizada com o objetivo identificar e provocar os participantes sobre “o que é preconceito linguístico?”, as diferentes falas reunidas na universidade federal do Pará, localizada no município de Altamira-PA, a fim de entender e contribuir para futuros debates sobre o assunto proposto, incentivando o acolhimento das mais diversas formas de dialetos contidos em nosso vocabulário, evidenciando expressões diversas e com valor significativo para o aprofundamento de estudos futuros.

É importante ressaltar o espaço onde a pesquisa foi realizada, haja vista a maioria dos participantes eram oriundos da cidade de Belém, onde seu modo de falar é bem característicos, tais acadêmicos ao chegarem ao campus, é quase impossível que seu modo de fala não seja notado pelos demais estudantes, já que a cidade onde é localizado a universidade é plural e de diversas expressões no seu modo de fala, diante dos dados apresentados na pesquisa, percebe o grande desconforto de alguns acadêmicos em relação ao assunto, a maioria dos entrevistados na pesquisa, já sofreram algum tipo de preconceito linguístico em relação ao seu modo de fala ou expressão utilizada nos diálogos realizados com os colegas de curso.

Em relação ao preconceito linguístico pode-se afirmar que os informantes, pelo fato de obterem um conhecimento maior sobre o assunto apresentado, passaram a “lidar” de forma mais confortável com certas situações, onde esse preconceito se faz presente no âmbito acadêmico.

Dessa forma, entendem que o modo de falar das pessoas, não é errado, pois faz parte do ambiente em que elas fazem parte dentro da sociedade. O indígena por exemplo tem seu próprio linguajar, e ao se deparar com o português em si, o mesmo adapta o falar ao modo que compreende.

Vale ressaltar que não se estabelece um modo formal ou informal corretamente de se expressar, existe sim um meio cultural ao qual as pessoas são empregadas dentro de uma sociedade, onde essa fala pode haver indícios de mudanças da língua, que varia de acordo com a vivência de cada local onde se habita. A sociolinguística em si permite uma forma em que o falante possa utilizar desde a forma formalmente dita até a informalidade, dependendo da situação vivenciada.

Com as diversas tecnologias existentes pode-se dizer que o modo de falar passa por diversas mudanças todos os dias. Hoje a criança ligada ao mundo virtual vem aprendendo por si próprio várias formas de se expressar tanto no ambiente escolar, como no âmbito familiar.

Espera-se deste trabalho que a pluralidade de fala seja mais democratizada com os alunos facilitando o entendimento dos dialetos e expressões dentro das regiões estudadas, em paralelo a isso espera-se que o preconceito linguístico que é recorrente dentro dos próprios falantes seja reduzido, atenuando assim a importância de conhecer e respeitar a forma intrínseca das pessoas, entendendo ainda as circunstâncias extras que contribuem para o modo como determinado grupo social se comunica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo evidencia que a variação diatópica e o preconceito linguístico estão intrinsecamente ligados a fatores históricos, culturais e sociais, especialmente no contexto brasileiro. A análise da fala paraense demonstrou como a riqueza linguística regional, influenciada pelas línguas indígenas e pelo português arcaico, constitui um patrimônio cultural significativo. Contudo, essa diversidade, em vez de ser celebrada, muitas vezes se torna alvo de preconceito, especialmente em ambientes educacionais e institucionais.

Os resultados da pesquisa realizada no campus Altamira da Universidade Federal do Pará mostram que os acadêmicos enfrentam desafios relacionados à aceitação de suas formas de falar. Muitas vezes, expressões regionais e características fonéticas são vistas como inadequadas ou erradas, o que reforça estigmas sociais e impacta negativamente a autoestima e o desempenho desses estudantes. Apesar disso, a pesquisa também revelou um sentimento de valorização cultural entre os participantes, que reconhecem a importância de sua identidade linguística.

Portanto, conclui-se que combater o preconceito linguístico é um passo essencial para promover uma sociedade mais equitativa e inclusiva. Para isso, é necessário que práticas pedagógicas sejam reformuladas, valorizando a diversidade linguística como elemento enriquecedor e transformador.

O trabalho sugere que o ensino de línguas deve incorporar perspectivas sociolinguísticas, fomentando o respeito e o reconhecimento das diferentes formas de expressão linguística como legítimas. Além disso, recomenda-se a continuidade de pesquisas nesse campo, para aprofundar a compreensão das relações entre variação linguística e preconceito, contribuindo para a construção de um ambiente educacional mais plural e democrático.

## REFERÊNCIAS

- AIKHENVALD, Alexandra Y. **Language Contact in Amazônia**. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- ALTENHOFEN. **Territórios de uma língua**: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata. *In*: FERNÁNDEZ, Ana L. da Rosa Nieves.
- ASSIS, Rosa. **Vocabulário popular em Dalcídio Jurandir**. Belém: UFPA, 1992. Disponível em: <https://artepapaxibe.wordpress.com/dicionario/>. Acessado em. 12 jan.2025.
- AZEVEDO, Orlando da Silva. **Aspectos dialetais do português da região norte do Brasil**: um estudo sobre as pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM). Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.
- BAGNO, M. **Gramática pra que te quero?** Os conhecimentos linguísticos nos livros didáticos de português. Curitiba: Aymar, 2008.
- BAGNO, Marcos: **Preconceito Linguístico** – Marcos Bagno, 2007. Disponível em: [http://gus-fragmentos.blogspot.com/2013/08/preconceito-linguistico-marcos-bagno\\_20.html?m=1](http://gus-fragmentos.blogspot.com/2013/08/preconceito-linguistico-marcos-bagno_20.html?m=1). Acessado em 8 de agosto, 2024.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 5ed. São Paulo: Hucitec, 1990.
- BENVENISTE, E. Estrutura da língua e estrutura da sociedade. *In*: **Problemas de linguística geral II**. São Paulo: Cia. Editora Nacional/EDUSP, 1989.
- BRIGHT, W. **As dimensões da sociolinguística**. **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge, Massachusetts, the MIT Press, 1965.
- CRISTIANINI, Adriana Cristina; ENCARNAÇÃO, Márcia Regina. De Antenor Nascentes ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil – AliB: conquistas da Geolinguística no Brasil. *Revista Letra Magna – Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*, ano 3, n.5, 2. Semestre de 2006.
- DUBOIS, J. et al. **Dicionário da Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- FIORAVANTI, Carlos. **Ora pois, uma língua bem brasileira**. Disponível em: [2015]. Acesso em: 28 out. 2015. **DESCOBRIMENTO DO BRASIL**. História do Brasil. Disponível em: [2015]. Acesso em: 07 nov. 2015.
- FREIRE, José Ribamar Bessa. Trajetória de muitas perdas e poucos ganhos. *In*: **Educação Escolar Indígena em Terra Brasilis**: tempo de novo descobrimento. Rio de Janeiro: Ibase, 2003.

JAKOBSON, R. **Relações entre a ciência da linguagem e as outras ciências**. Lisboa: Bertrand, 1973.

LABOV. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LEITE, Yonne; FRANCHETTO, Bruna. 500 anos de línguas indígenas no Brasil *In*: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; SILVA, R. V. M. (Orgs.) **Quinhentos anos de história linguística no Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo da Bahia, 2006.

LOBO, Telma de Carvalho. Léxico: espelho da história de um povo. *In*: SIMÕES, Maria do Socorro (Org.). **Narrativa oral e imaginário amazônico**. Belém: UFPA, 1999. p. 77-82.

MONTEIRO, J.L. **Para compreender Labov**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, Maria Odaisa Espinheiro de. A terminologia indígena na fala do amazônida. *In*: **Inf., Londrina**, v. 13, n. 1, p.32- 47, Jan./Jul. 2008.

PAULSTON, C.B.; TUCKER, G.R. History of sociolinguistics: introduction. *In*: **Sociolinguistics: the essential readings**. Malden: Blackwell Publishing, 2003.

REIS & DIAS. Érica do Socorro Barbosa. Nilza Barrozo. Os usos dos “mas quando” paraense. *In*: **Anais do IX SAPPIL – Estudos de Linguagem**, UFF, no 1, 2018. [288]

SANTOS, Sarah. Como se fala no **Pará** – a mistura mais evidente entre a língua portuguesa e línguas indígenas. **Revista Babel**, dezembro de 2017.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 24ª ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2002.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

TARALLO, F. **Tempos Linguísticos** – itinerário histórico da língua portuguesa. Ed. Ática, 1990.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Campus Universitário de Altamira. Histórico do Campus, 2013. Disponível em <<https://www.altamira.ufpa.br/index.php/historico>>. Acessado em: 30mar2025. [https://en.wikipedia.org/wiki/Altamira,\\_Par%C3%A1](https://en.wikipedia.org/wiki/Altamira,_Par%C3%A1)

**ANEXO****Anexo 01.** Formulário semiestruturado

Implicações do preconceito linguístico na fala de estudantes dos acadêmicos no campus da UFPA em Altamira.

a) Qual a sua cidade natal?

---

b) Qual é o seu curso?

---

c) Você sabe o que é o preconceito linguístico?

---

d) Você já se sentiu constrangido pelo jeito de falar e alguma pessoa imitar?

Sim

Não

e) Você já sofreu algum tipo de preconceito linguístico?

---

Sim

Não

Justifique:

---

---

f) Cite algumas expressões bem conhecidas em sua cidade.

---

---

g) Você lida bem com o preconceito linguístico?

Sim

Não

Justifique:

---

---

h) Você já se deparou com alguma expressão em Altamira que não conhecia?

Sim

Não

Se sim, qual?

---

---

i) Dentre as expressões que você se deparou, qual lhe chamou mais a atenção?

---

---